

INTRODUÇÃO

A tendência de postergação da maternidade observada na Europa, nas últimas décadas, e as discussões em torno da teoria da Segunda Transição Demográfica têm levantado questionamentos sobre o comportamento das mulheres brasileiras em torno da diferença no cronograma da idade ao ter o primeiro filho e se elas seguirão o comportamento observado nos países desenvolvidos (reprodução tardia ou ausência de filhos). Alguns estudos já observaram que, em regiões com grandes desigualdades sociais, o declínio na taxa de fecundidade sustentado com valor igual ou próximo do nível de reprodução populacional se deu através de uma combinação de vários regimes reprodutivos, em razão das diferenças sociais existente entre as mulheres (CABELLA; PARDO, 2014; OLIVEIRA; MARCONDES, 2016).

O Brasil é um exemplo dessas regiões, em que a postergação da maternidade tem sido observada apenas entre mulheres com maior nível de escolaridade e renda, enquanto as mais pobres e com baixa escolaridade são mães ainda jovens, apresentando também maiores chances de chegar ao final da idade reprodutiva com mais filhos (OLIVEIRA; MARCONDES, 2016). Diante disto, busca-se compreender como o Nordeste caracteriza-se nesse processo, por ser uma região conhecida por sua relativa pobreza e desigualdade social. Tendo em vista que em 2010 alcançou uma taxa de fecundidade total de 2,06 filhos por mulher, correspondendo uma redução de 23,4%, em relação ao ano 2000 (que correspondia a 2,69), sendo o maior declínio frente as demais regiões do Brasil, mas mantendo ainda a segunda maior taxa de fecundidade do país (IBGE, 2010).

METODOLOGIA

Para o desenvolvimento deste trabalho são utilizados os dados oriundos dos Censos Demográficos de 2000 e 2010, levantados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A fim de identificar o comportamento reprodutivo da mulher nordestina nesse período, optou-se por distribuir as mulheres entre 20 e 49 anos¹ em quatro categorias, a saber: mulheres sem filhos; com um filho; dois filhos e

¹ As jovens de 15 a 19 anos foram excluídas da análise por ser um grupo que ainda está no início da vida reprodutiva, a maior parte delas não tem filhos, o que poderia enviesar os resultados na comparação dos grupos.

três ou mais filhos. As variáveis adotadas para explicar as diferenças entre esses conjuntos são: idade da mulher; situação do domicílio e unidades da federação (UF).

Neste estudo buscou-se analisar a evolução da estrutura etária entre 2000 e 2010 para as quatro categorias analisadas, por meio de uma distribuição percentual por grupos quinquenais de idade. Além disso, observou-se a diferença na idade média da população total (entre os dois Censos) e para cada grupo analisado. Com o intuito de verificar o que corresponde ao processo de envelhecimento populacional ocorrido nesse período e o que pode ser explicado pelas mudanças no comportamento reprodutivo. Para tanto, o cálculo da idade média considera: a soma de todas as idades das mulheres entre 20 a 49 anos divididos pelo total da população feminina (20 a 49 anos). Em seguida, realizou-se a diferença entre as médias (2000 e 2010) e, para cada grupo analisado, reduziu-se o valor proporcional correspondente ao envelhecimento populacional.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em 2000 a população feminina (de 20 a 49 anos) do Nordeste com três filhos ou mais correspondia a 40,3%, reduzindo para 27,6% em 2010, enquanto as mulheres sem filhos representavam 24,2% no ano 2000, passando para 28,2% em 2010. Nesse período, nota-se que a proporção de mulheres sem filhos passa a superar o conjunto de três ou mais filhos, destacando-se, ainda, o crescimento de mulheres com um filho, que era de 16% (2000), passando para 21,3% (2010), e as que tinham dois filhos subiu de 19,6% (2000) para 23% (2010).

O decréscimo de mulheres com três ou mais filhos entre 2000 e 2010 na Região Nordeste, demonstra que as gerações mais novas estão cada vez mais reduzindo o número de filhos. Neste contexto, observamos que as mulheres com três filhos ou mais no ano 2000, com idades de 40 a 44 e 45 a 49 anos, correspondiam a 64,7% e 70,8%, respectivamente. Essas mulheres correspondem às nascidas entre 1951 a 1960, isto é, coortes que nasceram em um período de alta fecundidade e que foram expostas a taxas específicas de fecundidade maiores do que as gerações mais novas. Enquanto em 2010, as mulheres que alcançaram a idade de 40 a 44 e 45 a 49 anos com três ou mais filhos, decresceu para 44% e 52%, nessa ordem, que equivalem às

nascidas entre 1961 e 1970, período que o Brasil inicia o processo de declínio nas taxas de fecundidade.

Quanto às mulheres que tinham dois filhos no ano 2000, estas concentravam-se em maior proporção nas idades de 20 a 34 anos, passando em 2010 para as idades de 30 a 44 anos, com um crescimento significativo a partir dos 35 anos de idade. Apoiando-se na análise da idade média, observou-se que o envelhecimento populacional não explica totalmente a mudança percebida na estrutura etária em relação à parturição das mulheres. Nota-se, principalmente, que o aumento na idade média, o qual equivale a 66,5% e 78,8% para o conjunto de mulheres com um e dois filhos, respectivamente, não corresponde ao efeito do envelhecimento dessa população, portanto, sendo explicado por outros fatores (inserção no mercado de trabalho, aumento da escolaridade, uso de métodos contraceptivos, adiamento do matrimônio).

Quanto à distribuição das mulheres em relação ao número de filhos por Unidades da Federação do Nordeste, no ano 2000 em todos os estados tinha-se uma menor participação de mulheres com apenas um filho, em comparação ao conjunto com dois filhos. Em 2010, observamos que nos estados da Bahia, Ceará e Sergipe, a proporção maior de mulheres com um filho passa a ser superior ao grupo com dois filhos. Mas a Bahia se destaca em relação as demais unidades da federação, com maior participação do grupo com apenas um filho. E, no mesmo período, Maranhão, Piauí e Alagoas, figuram-se com uma porção menor de mulheres com um filho. No entanto, o Maranhão se destaca com maior proporção no conjunto com mulheres que tiveram três ou mais filhos. Estes resultados se aproximam dos estudos realizados por Moreira e Fusco (2017), que identificaram o Maranhão com maior taxa de fecundidade entre as microrregiões do Nordeste.

A população feminina com dois filhos, no ano 2000, concentrava-se mais nos estados do Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco, ao passo que, em 2010, essa distribuição passa a ser mais homogênea entre os estados, mas com Piauí, Paraíba e Pernambuco com maior representatividade de mulheres com dois filhos frente às demais Unidades da Federação. Percebe-se, ainda, que tanto as mulheres domiciliadas na área urbana, quanto na rural, apresentaram um envelhecimento significativo na estrutura etária no conjunto com dois filhos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados sugerem que entre 2000 e 2010 o declínio da fecundidade no Nordeste se deu por uma combinação de diversos comportamentos reprodutivos, caracterizados pela redução de mulheres com maior número de filhos e uma mudança significativa na estrutura etária de mulheres com um e dois filhos. Destaca-se a grande heterogeneidade existente nesse comportamento dentro da região.

Importante salientar que as mulheres com mais filhos, pertencentes às coortes mais próximas do final da vida reprodutiva, vivenciaram um contexto no qual a esterilização feminina no Nordeste era o principal método contraceptivo, o que justifica uma mudança mais acentuada em curto espaço de tempo (POTTER; CAETANO, 1998). Evidencia-se, ainda, que neste estudo buscou-se analisar o contexto no qual estas mulheres se encontravam em um dado momento e não a idade exata que tiveram filhos ou que estavam sem filhos. Além disso, entre aquelas que no momento da pesquisa não tinham filhos, é possível que em algum tempo tiveram ou venham a tê-los.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CABELLA, W., PARDO, I. Hacia un régimen de baja fecundidade en América Latina y el Caribe, 1990-2015. In: **Comportamiento reproductivo y fecundidad en América Latina: una agenda inconclusa**. Org. CAVENAGHI. S.C., CABELLA., W. Rio de Janeiro: ALAP, p. 13-31, 2014.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo Demográfico 2010. **Resultados gerais da amostra**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

OLIVEIRA, M. C.; MARCONDES, G. Maternidade precoce X tardia: mudança de padrão ou heterogeneidade. In: XX Encontro Nacional de Estudos Populacionais (ABEP). **Foz do Igauçu/Paraná, Anais... 2016. ABEP**, p. 1-18.

MOREIRA, M.M.; FUSCO, W. **Mapeando a fecundidade nordestina: 2000-2010. Confins**, n. 33, 2017. Acessado em 02 Jan. 2018. Disponível em: <http://journals.openedition.org/confins/12528>

POTTER. J, CAETANO, A. J. Clientelismo e Esterilização no Nordeste Brasileiro 1986-1995. In: XI Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais (ABEP). Caxambu/Minas Gerais, **Anais...1998**, p.151-182.